

# CONFESSANDO CRISTO APÓS A MORTE DE DEUS

## *CONFESSING CHRIST AFTER THE DEATH OF GOD*

Alan Diego Fürst<sup>1</sup>

**Resumo:** O tópico principal deste artigo apresenta observações referentes às mudanças culturais e sociais no Oeste trazidas pela Modernidade, e considera como tais mudanças influenciaram a prática da confissão de fé da igreja cristã, a fim de contribuir com maneiras de confessar Cristo em uma sociedade profundamente influenciada por tais mudanças. O artigo possui duas partes principais. Na primeira, é apresentada uma mudança na prática de confessar a fé como um ato público com a chegada da Modernidade. A análise feita por Friedrich Nietzsche – “Deus está morto” – é identificada como uma importante contribuição para entender as mudanças trazidas pela Era Moderna, as quais moldam o contexto atual. Ainda, a lente filosófica de “política cultural” desenvolvida por Richard Rorty é oferecida como uma forma de a igreja retornar à postura de confissão de fé vista em Cristo e nos apóstolos. Na segunda parte, o artigo propõe que a confissão de fé em Cristo após a “morte de Deus” precisa ser feita em termos de política cultural. O artigo argumenta que tal confissão não enfatiza argumentos racionais comuns na Era Moderna, mas, sim, uma confissão pública que é perceptível a todas as pessoas por meio da história que contamos e da vida que vivemos como cristãos. Além de apresentar a confissão de forma relevante para o mundo atual, o artigo argumenta que confessar a fé em termos de política cultural

---

<sup>1</sup> Alan Diego Fürst tem Bacharelado em Teologia (ULBRA, 2013), Mestrado em Teologia (Concordia Seminary, St. Louis, 2018), e atualmente é aluno do Doutorado em Teologia Sistemática (Concordia Seminary).

torna compreensível a confissão feita em Augsburg há quase quinhentos anos pelos reformadores evangélicos.

**Palavras-chave:** Confissão de fé. Política Cultural. Reforma. Modernidade. Morte de Deus.

**Abstract:** This paper observes the cultural and social changes in the West brought by Modernity, and it considers how such changes influenced the Christian Church's practice of confessing the faith, to that it might offer ways to confess Christ in a society deeply influenced by these changes. The paper has two major parts. In the first part, it observes a change in the practice of confessing the faith as a public act by the arrival of Modernity. The analysis offered by Friedrich Nietzsche – “God is dead” – is identified as an important contribution for understanding the changes brought by the Modern Era, which shape the current context in the West. Moreover, the philosophical lens of “cultural politics” developed by Richard Rorty is offered as a way to help the Church returning to the posture of confessing the faith seen in Christ and the apostles. In the second part, this paper proposes that confessing Christ after the death of God needs to be done as cultural politics. The paper argues that such confession does not emphasize rational arguments which are common in Modern Era, but rather a public confession that can be perceived by all through the account we give and the life we live as Christians. In addition to presenting the confession of faith in a relevant way to our contemporary world, this paper argues that confessing the faith as cultural politics renders understandable the confession done in Augsburg almost five hundred years ago by the evangelical reformers.

**Keywords:** Confessing the faith. Cultural Politics. Reformation. Modernity. Death of God.

## INTRODUÇÃO

Eu cresci ouvindo frases do tipo, “na minha época, as coisas eram diferentes”, as quais normalmente eram seguidas de uma detalhada descrição de como eram as práticas de uma geração anterior à atual. Afirmações como

essa apontam para um realidade pouco questionada atualmente – a saber, que as práticas sociais e culturais mudam de uma geração para a outra. A sociedade atual não é a mesma de 50 anos atrás, e certamente não continuará assim daqui a 50 anos. O que era considerado “normal” para a geração dos meus pais já era diferente do que era considerado “normal” para a geração dos meus avós, e ambas foram inteiramente diferentes do que é considerado “normal” hoje em dia. Ao considerarmos as mudanças observadas em nossa sociedade no último meio século, tal mudança se torna ainda mais nítida. Os avanços tecnológicos, a influência de movimentos de libertação, como o feminismo, etc, entre outros, trouxeram mudanças que modificaram toda a forma como vivemos e pensamos no início do século XXI. Basta vermos cenas como as do filme *De Volta Para o Futuro* (1985) e imaginarmos a tentativa de explicar a atual tecnologia de aparelhos eletrônicos para alguém que viveu 50 anos atrás; logo percebemos a verdade que está diante dos nossos olhos: o mundo mudou, principalmente no que se refere a práticas sociais e culturais.

Mudanças como essas são reflexos de uma mudança cultural que aconteceu e continua acontecendo no ocidente desde o início do Modernismo.<sup>2</sup> Isso porque a chegada da Era Moderna trouxe muitas mudanças para a cultura ocidental, as quais influenciaram não somente a forma que pensamos e agimos como sociedade, mas também a forma como a fé cristã é compreendida pela sociedade em geral, bem como é confessada pelos cristãos que vivem em meio a essa sociedade. Dificilmente alguém questionaria o fato de que a realidade da igreja cristã mudou significativamente desde os tempos pré-modernos (por exemplo, como era nos tempos da Reforma). A sociedade mudou, e a igreja cristã mudou também.

Uma das consequências das mudanças trazidas pela Modernidade é a redução do espaço da igreja cristã. Enquanto em períodos pré-modernos a igreja influenciava e ditava como as pessoas pensavam e agiam, a Era Moderna trouxe uma realidade onde a fé cristã é percebida em grande parte pela sociedade como irrelevante. Por um lado, os avanços científicos ques-

---

<sup>2</sup> Autores já contribuíram com análises do desenvolvimento do pensamento e práticas do Oeste desde o início da Era Moderna. Dentre eles, a obra de Susan Neiman oferece uma excelente narrativa dos eventos que ocasionaram as principais mudanças no ocidente, sendo uma grande contribuição para entender a história da filosofia e da religião. Veja Neiman (2002) nas referências deste trabalho. Confira também Löwith (1949) e Allen (2007).

tionaram muitos dos dogmas ensinados pela igreja, o que levou muitos a dividirem ou mesmo a abandonarem a fé confessada pelos cristãos. Ao mesmo tempo, a atual situação da igreja se deve a uma resposta inadequada diante dos desenvolvimentos ocorridos na sociedade ocidental. Conforme o pensamento moderno conquistou espaço no Oeste, a igreja se aquietou para um espaço “privado” ou se rendeu às tendências modernas, acarretando uma domesticação de Deus e da fé confessada.<sup>3</sup> Isso explica, em partes, a razão para a igreja cristã ainda enfrentar dificuldades em confessar a fé e fazer a sua confissão entendível para o mundo hoje.

Um problema comum, no entanto, é que a igreja cristã frequentemente não compreende as mudanças que estão acontecendo ao seu redor. Em outras palavras, embora a igreja e os seus teólogos reconheçam que existem mudanças acontecendo na sociedade e no mundo em que estamos, nem sempre há um entendimento do significado dessas mudanças, principalmente com respeito a como estas influenciam a confissão de fé da igreja. Como resultado, a pregação da igreja se torna vaga e sem relevância para a vida dos cristãos na atual sociedade, o que aumenta ainda mais o distanciamento entre a fé que confessamos e a vida que temos na sociedade.<sup>4</sup> Por exemplo, ouço com frequência a preocupação de pastores que veem membros da sua igreja sendo “cristãos de domingo”, e buscam maneiras de conectar a fé cristã à vida que os cristãos levam de segunda a sábado. Embora haja exceções, muitas vezes isso reflete uma falta de entendimento sobre o contexto atual em que vivemos, isto é, uma consideração aprofundada das mudanças que estão ocorrendo no mundo e na nossa sociedade. Dessa forma, é necessário (e, de fato, indispensável) considerar as mudanças observadas com a chegada da Era Moderna, especialmente no que se refere à confissão de fé da igreja cristã. Somente através de um claro e concreto entendimento dessas

---

3 Esse é o argumento exposto por William C. Placher em seu livro *The Domestication of Transcendence: How Modern Thinking about God Went Wrong* (1996). Para outra análise que contribui para entender as mudanças e os desafios dos desenvolvimentos da Era Moderna, veja Edwards, 1997.

4 Este é um dos motivos observados por David Kinnaman em sua obra *You Lost Me: Why Young Christians Are Leaving Church... And Rethinking Faith*. De acordo com Kinnaman, “Por mais que haja anos de experiências de igreja e incontáveis horas de ensino centrado na Bíblia, milhões de cristãos da próxima geração não têm nem ideia que a fé deles está conectada com a vida profissional que eles têm. Eles têm acesso a informação, ideias, e pessoas de todo o mundo, mas não têm uma visão clara de uma vida que tenha significado ou faça sentido de todo esse conhecimento adquirido” (Kinnaman, 2011, 207, tradução nossa).

mudanças culturais que influenciam tanto a sociedade atual quanto a igreja cristã que a pregação e o ensino da igreja será novamente relevante para o mundo em que vivemos, bem como possibilitar aos cristãos a compreenderem e refletirem sobre como eles devem confessar a sua fé diante do mundo em que vivem hoje.

Felizmente, muitos autores e pensadores contemporâneos já ofereceram análises sobre as mudanças culturais no Oeste, bem como análises sobre o formato atual de como a sociedade moderna reflete e entende temas relacionados à religião.<sup>5</sup> Uma das análises culturais mais conhecidas no mundo acadêmico foi oferecida pelo filósofo alemão Friedrich Nietzsche – a saber, que Deus está morto. Embora oferecida por um filósofo que ficou famoso por suas críticas e ataques ao cristianismo, a análise cultural de Nietzsche nos ajuda a entender as mudanças que ocorreram na sociedade do ocidente, inclusive mudanças observadas na postura cristã em relação à confissão de fé. Assim, por mais que o filósofo não seja um exemplo de como confessar a fé cristã, a sua análise nos remete a analisar nossa confissão de fé em tempos modernos e buscar meios pelos quais podemos fielmente confessar a fé em Cristo de uma forma relevante em uma sociedade influenciada pela morte de Deus, a qual foi observada por Nietzsche.

Uma consideração da análise feita por Nietzsche aponta para mudanças na função e posição da igreja cristã em meio à sociedade desde os tempos modernos, especialmente ao que se refere a uma certa “privatização” da fé cristã para somente um contexto religioso. Isso significa que a análise oferecida por Nietzsche demonstra que uma das mudanças ocorridas no Oeste é que a igreja e os princípios cristãos já não modelam a moral e as práticas da sociedade. Ao invés disso, a ênfase moderna prioriza que indivíduos tenham independência para decidirem o que é certo e o que é errado. Ao mesmo tempo, em uma sociedade onde a história dos últimos 500 anos mostra um aumento do questionamento das verdades confessadas pela igreja cristã, a tendência é que a instituição sob ataque assuma uma postura defensiva. E é exatamente isso que aconteceu com a igreja cristã. Com a ênfase moderna em entender e explicar todas as coisas de uma forma racional, muitos dos ensinamentos da igreja foram reduzidos a opiniões religiosas, as quais somadas ao individualismo moderno trouxeram uma nova realidade para a fé cristã

---

<sup>5</sup> Veja notas de rodapé 1 e 2.

em meio à sociedade – a saber, confessar a fé cristã se tornou uma questão de opinião pessoal.

Isso traz dois problemas para a prática de confessar a fé cristã. Por um lado, a fé cristã nunca foi uma questão de opinião privada. Pelo contrário, a confissão de fé sempre foi e sempre será um ato público com implicações para todas as áreas da vida na sociedade, como relatos do Novo Testamento e da história da igreja demonstram. Assim, a confissão da igreja diante do atual contexto precisa refletir tal realidade confessional. Por outro lado, uma confissão de fé que se tornou privada – isto é, algo individual ao invés de comunal – é vista como irrelevante em uma sociedade moderna influenciada pela morte de Deus, uma vez que esta se torna relevante apenas para o indivíduo que a confessa. Isso é observado por vários pensadores do último século, dentre eles o filósofo americano Richard Rorty, o qual observou que se uma fé não tem relevância para toda a sociedade, então ela não merece ser considerada pelos membros dessa sociedade (RORTY, 2007, p.26). Segundo Rorty, o motivo para essa postura é o fato de que a sociedade moderna substituiu uma mentalidade transcendente por uma abordagem pragmática, a qual é chamada pelo filósofo de política cultural.<sup>6</sup> Em outras palavras, a sociedade moderna avalia a relevância de um tema de acordo com o benefício que o mesmo oferece para as práticas sociais, sendo diferente da mentalidade pré-moderna onde a epistemologia ontológica ditava as práticas sociais de acordo com o entendimento de verdades transcendentais sobre Deus.

Por consequência, podemos considerar Rorty como um pensador que contribui para nossa reflexão sobre como confessar a fé em um contexto após a morte de Deus, uma vez que ele nos ajuda a entender as mudanças sociais e culturais desde o início da Era Moderna. Vale notar aqui que eu

---

<sup>6</sup> Este estudo usa o entendimento de política cultural (*cultural politics*) oferecido pelo filósofo americano Richard Rorty em suas várias obras publicadas nas últimas décadas. Conforme Rorty, política cultural se refere a uma postura filosófica que enfatiza que “verdade e realidade existem por amor às práticas sociais”, pois “como o Sábado (*Sabbath*) estas são feitas para o homem”. Construindo sobre o princípio culminado por Heidegger que afirma a “prioridade ontológica do social” acima da prioridade da ontologia, Rorty faz uso da política cultural para apontar os objetivos sociopolíticos de uma determinada crença ou tópico sendo considerado. Assim, política cultural considera a contribuição e função de uma determinada crença para a vida e os objetivos de uma sociedade, afirmando que se algo não contribui para as práticas sociais, então tal crença não merece ser discutida ou mantida como parte da sociedade. Em outras palavras, política cultural oferece uma postura para analisar o benefício ou a relevância de uma determinada crença para as práticas sociais de uma determinada sociedade (Rorty, 2007, p.3-26).

reconheço que Rorty – bem como Nietzsche – não era cristão, e sua obra não tinha a intenção de contribuir para a reflexão teológica da igreja cristã. No entanto, essa análise se torna benéfica para a reflexão que quero oferecer neste trabalho, uma vez que ela oferece grande ajuda para entendermos as mudanças que são observadas na sociedade atual em que vivemos e na qual somos chamados a confessar a fé em Cristo. No que segue, eu considero tal contexto filosófico da Era Moderna em relação à confissão de fé em Cristo como Filho de Deus e Senhor sobre todo o universo, argumentando que a confissão de fé precisa retornar ao modelo pré-moderno, assumindo o formato de política cultural.

## **A CONFISSÃO DE FÉ EM CRISTO ATRAVÉS DOS SÉCULOS**

Confessar a fé cristã sempre foi uma questão de política cultural.<sup>7</sup> Isso porque confessar Jesus Cristo como o Filho do Deus vivo e proclamar a obra dele como Senhor sobre toda a criação nunca esteve separado de questões sociais e culturais. Confessar sempre foi um ato público que interagiu com circunstâncias específicas em diferentes momentos da história do mundo. De fato, confessar a fé nunca foi meramente uma questão de opinião pessoal ou religião privada. Pelo contrário, o ato de confessar influenciou as práticas sociais e mudou a percepção da realidade em relação ao mundo como um todo.

Isso é visto já na própria vida e ministério de Jesus. Confrontado com a notícia de que o Rei dos Judeus havia nascido em Belém, o rei Herodes mandou matar todos os meninos com menos de dois anos de idade a fim de defender o seu trono desse novo rei que havia nascido (Mt 2.1-16). Da mesma forma, quando Jesus consentiu ao interrogatório de Caifás em relação à sua identidade como “o Cristo, o Filho de Deus”, os chefes dos sacerdotes o levaram para Pilatos, o governador romano, a fim de exigir a pena de morte de Jesus, acusando-o de ser um agitador que perturbava a paz em Jerusalém através da afirmação que ele era o Rei dos Judeus (Mt 26.63-64, 27.1-2). Semelhantemente, a confissão feita pelos apóstolos conforme registrado no livro de Atos dos Apóstolos demonstra ainda mais essa realidade. Considerando um exemplo específico, o apóstolo Paulo foi levado em diversas

---

<sup>7</sup> Veja nota de rodapé 5.

ocasiões diante de conselhos municipais e autoridades seculares a fim de explicar o seu ensinamento, uma vez que a confissão feita pelo apóstolo estava afetando a vida daquelas cidades. Isso é visto no episódio em que Paulo é levado ao Areópago (At 17), bem como a Cesareia, diante de Félix (At 24), e diante do rei Agripa (At 26).

Essa realidade continuou com o passar dos séculos, quando cristãos provaram, em muitas outras ocasiões, que confessar a fé é um ato público que possui relevância sociopolítica, especialmente após o Cristianismo ganhar o *status* de religião do império.<sup>8</sup> Uma das ocasiões que demonstraram tal relevância pública da confissão de fé foi a Reforma Protestante no século XVI. Isso porque a Reforma não foi meramente uma questão de desafiar um determinado ensinamento relacionado exclusivamente a uma verdade ontológica do Cristianismo.<sup>9</sup> Embora devemos reconhecer a inevitável relação à verdades ontológicas,<sup>10</sup> a confissão de fé oferecida pelos reformadores no século dezesseis estava intrinsecamente conectada e preocupada com práticas sociopolíticas – isto é, ela certamente estava relacionada à política cultural. Considerando o contexto da Confissão de Augsburg, por exemplo, a assembléia convocada pelo imperador Carlos V não tinha apenas dois lados distintos de teólogos, mas também dois lados distintos de líderes políticos que buscavam trazer suas regiões à unidade que havia sido perdida com o início da Reforma. Como Martinho Lutero menciona em muitos dos seus escritos, heresia era algo que tinha relevância para toda a sociedade, pois ela poderia trazer discórdia e distúrbios para o país. Joel Biermann observa esse aspecto da teologia de Lutero na reflexão do reformador acerca do salmo 82, quando ele escreveu que

[Falsos professores/pastores] não são apenas hereges mas rebeldes, os quais estão atacando os líderes e seus governos, assim como um

---

8 Este trabalho não tem por objetivo apresentar uma lista completa de eventos que refletem a fé cristã como um ato de relevância pública, mas faz uso dos eventos citados com o objetivo de ilustrar a postura confessional necessária para o contexto sociopolítico atual. De fato, não creio que haja uma obra publicada que tenha como principal objetivo apresentar uma lista completa dos atos que refletem a relevância pública da confissão de fé. Para uma consideração que oferece uma maior cobertura dos movimentos teológicos da história da igreja, veja Häggglund, 2007.

9 Para uma clara exposição do que é ontologia e a sua influência na teologia, veja Westphal, 1997, p.213-226.

10 Como, por exemplo, a doutrina da Trindade, a qual reflete o ensinamento dos Concílios sobre uma substância (οὐσία) divina e três pessoas (ὑπόστασις). Veja Kelly, 1972, p.231-331.

ladrão ataca os bens de outra pessoa, um assassino o corpo de outra pessoa, um adúltero a esposa de outra pessoa; e isso não deve ser tolerado (BIERMANN, 2017, p.14 – tradução nossa).<sup>11</sup>

Essencialmente, falsos ensinamentos eram claramente considerados um problema civil que afetava todo o funcionamento da sociedade. De acordo com isso, diferentes práticas sociais que fluíam de diferentes confissões de fé eram vistas como questões de política cultural. Isso explica porque o próprio Lutero foi declarado um fora da lei pelo imperador quase dez anos antes da Dieta de Augsburg, e também porque todo o programa da Reforma foi recebido como uma posição política tanto pelo imperador como também pelos teólogos da Igreja Católica Romana (KOLB e WEN-GERT, 2000, p.27).

A Confissão de Augsburg apresenta, portanto, um caso de confissão de fé como política cultural. Isso não significa que o fundamento para a confissão era política, mas sim que a confissão de fé não estava desconectada das práticas sociais da sociedade da época.<sup>12</sup> Assim, embora a fé confessada diante do imperador Carlos V em Augsburg expôs a continuidade da fé católica confessada pela igreja cristã desde os tempos dos apóstolos, ela também deu um relato das práticas das “regiões, principados, domínios, cidades, e territórios” evangélicos,<sup>13</sup> os quais eram relevantes para todas as pessoas daquela época. Como o Prefácio da Confissão afirma,

A vossa Majestade Imperial, bem como nossos amigos previamente mencionados – os eleitores, príncipes, estados, e todo aquele que ama a religião cristã que se preocupa com essas questões – vão

---

11 A reflexão de Lutero citada aqui se encontra originalmente no volume 13 das *Luther's Works*, p.61.

12 Considerar a confissão de fé apresentada em Augsburg como política cultural não é contraditório com a teologia e ênfase dos reformadores, mas, sim, reforça a confissão deles como católica. Como tenho afirmado até aqui, a fé confessada pelos cristãos nunca foi reduzida a uma ideia que diz respeito apenas a um certo grupo, mas, sim, uma fé abrangente que modifica a realidade de todo o mundo e de tudo o que nele existe. Dessa forma, dizer que a confissão de fé exposta em Augsburg possui um formato de política cultural não reduz a fé a mera política de poder, mas expõe o caráter abrangente da fé em um Deus que não é apenas o Deus dos cristãos ou o Deus dos luteranos, mas o Deus e Senhor de todo o universo, uma vez que ele criou tudo o que existe e redimiu tudo o que existe por meio de Jesus Cristo, o qual confessamos ser nosso Senhor. Confira *Livro de Concórdia*, 2006, p.371.

13 O termo “evangélico” e outros relacionados a ele refletem o termo alemão *Evangelisch* encontrado no texto original da Confissão, o qual era usado para identificar os príncipes e teólogos adeptos à Reforma. O uso do termo encontrado neste trabalho reflete essa mesma referência.

ser graciosamente e suficientemente assegurados disto pelo que segue nesta confissão, a qual nós e o nosso povo está entregando (KOLB E WENGERT, 2000, p.32 – tradução nossa).

Em outras palavras, a confissão de fé declarada em Augsburgo não foi uma questão privada nem uma questão de opinião individual a respeito de algo. Ela foi uma questão de assunto público que concernia o correto funcionamento e entendimento da sociedade como um todo. Isso é observado até mesmo no formato e procedimento da confissão de Augsburgo, a qual é declarada pelos príncipes de estar de acordo com as normas legais da época (KOLB e WENGERT, 2000, p.34). Em resumo, confessar a fé é visto como uma questão de testemunho e apelo público pelos confessores em Augsburgo, seguindo então o padrão e modelo de confissão cristã vista desde os tempos do próprio Cristo e dos apóstolos.

Infelizmente, a confissão de fé perdeu o seu caráter de política cultural com a chegada da modernidade. Especificamente, o Iluminismo questionou muitos dos ensinamentos guardados pela igreja cristã, o que resultou em uma série de problemas relacionados com a confissão pública da fé. Conforme a era da razão foi conquistando as sociedades ocidentais, o ato de confessar a fé se tornou cada vez mais uma questão privada, especialmente em virtude da redução da fé a questões relacionadas à metafísica, a qual separou questões de fé do pensamento racional.<sup>14</sup> Ao mesmo tempo, a fé perdeu o seu lugar em meio à sociedade, e a *distinção* observada e ensinada durante a Idade Média entre igreja e Estado se tornou uma severa *separação*.<sup>15</sup> Em poucas palavras, questões de fé passaram a ser vistas não mais como ques-

---

14 Um dos desenvolvimentos mais nítidos em relação a essa separação entre a reflexão teológica e questões da sociedade é vista na filosofia de Emmanuel Kant (1679-1754), na qual o pensador alemão considera os limites do conhecimento racional e isola todo conhecimento sobre Deus para a área da metafísica. Conforme Kant, isso deve ser assim, visto que o conhecimento de Deus não pode ser provado por meio de experiências racionais. Para uma abordagem completa sobre Kant e os desenvolvimentos e influências do seu ensino, veja Allen, 2007.

15 Continuando com o exemplo de Kant, vemos a partir desse desenvolvimento filosófico que passa a existir uma separação entre o que se pode ser observado através da experiência (fenômeno) e o que está além da observação racional humana (metafísica). De acordo com esse entendimento, a reflexão a respeito de Deus se reduz a considerações que estão além da observação humana, e por isso deve ser considerado como parte da metafísica. Como consequência, o conhecimento relacionado a coisas físicas ou que podem ser observadas por meio da experiência devem ser consideradas por meio da razão, e a fé começa a ser vista como um aspecto separado de assuntos relacionados à sociedade e práticas do dia a dia. Para saber mais sobre esse tema, veja Allen, 2007.

tões de interesse público. A influência da fé confessada pelos cristãos através dos séculos foi reduzida a questões eclesiais, sendo assim excluída da sociedade. Ao assumir uma posição defensiva diante do Iluminismo, a confissão de fé foi reduzida a verdades observadas e defendidas por cristãos ao invés de um assunto que interessa a todas as pessoas.<sup>16</sup>

Essa mudança na cultura ocidental foi observada por Friedrich Nietzsche no século dezenove. Nietzsche observou que o Deus dos cristãos havia se tornado inacreditável e irrelevante para as sociedades ocidentais, e a confissão de fé já não tinha a mesma posição e função que teve na Idade Média. Diferentemente de muitos enganados que consideram sua análise como vaga ou meramente um chamado ao ateísmo, Nietzsche entendeu corretamente o que a confissão de fé cristã significava para as sociedades pré-modernas. Como o teólogo luterano Joel Okamoto escreve, Nietzsche reconheceu que

“Deus” não era simplesmente uma figura na vida religiosa da maioria dos europeus, alguém que ocupava os pensamentos e orações da maioria da população. Deus havia sido por um longo tempo o Criador, e isso significava não apenas alguém que criou todas as coisas, mas aquele que assegurava a possibilidade de sentido e propósito, de bem e mal (OKAMOTO, 2014, p.3 – tradução nossa).

Em outras palavras, Nietzsche sabia o que significava confessar a fé no Deus dos cristãos, e isso permitiu que ele reconhecesse a mudança que estava acontecendo no Oeste em sua própria época – a saber, que Deus já não era mais “Deus”. Estando Deus fora da jogada, e a confissão de fé da igreja cristã sendo reduzida às margens, os seres humanos se tornam a única norma para decidir todas as coisas em questões sociopolíticas. De tal perspectiva, Nietzsche afirmou que Deus estava morto, e a responsabilidade pela morte dele pertence exatamente àqueles que afirmam acreditar nele.

---

16 Como resultado de desenvolvimentos da filosofia moderna dos séculos XVII e XVIII (conforme apontado nas notas anteriores sobre Kant), tornou-se possível reduzir a fé cristã a uma área de estudo para pessoas interessadas em metafísica. Em outras palavras, a teologia foi reduzida a uma área relacionada a assuntos transcendentais com respeito a Deus e verdades sobre esse “ser transcendente” que estão além da observação racional, isto é, assuntos para os que professam ou se interessam sobre fé. Em contraste, passou-se a considerar que assuntos relacionados à sociedade e ao mundo em geral deveriam ser considerados sob o critério filosófico moderno, o qual é, em sua essência, racionalista. Veja Allen, 2007.

Essa marginalização da confissão de fé aumentou ainda mais com a chegada do século XX. De fato, até mesmo a discussão a respeito da existência de Deus passou a ser vista como irrelevante. Richard Rorty observou que a religião se tornou uma questão de decisão pessoal na vida privada das pessoas, e a sociedade após a morte de Deus deixa para os indivíduos tirarem suas próprias conclusões sobre religião, “contanto que eles não insistam que todo mundo também participe [dos mesmos jogos semi-privados de linguagem]” (RORTY, 2007, p.25 – tradução nossa). Em outras palavras, a sociedade moderna – caracterizada pela morte de Deus – permite que indivíduos possuam quaisquer convicções a respeito de religião sob a condição de que mantenham tais convicções *privadas*. Isso porque, conforme Rorty, a sociedade moderna compreende religião como irrelevante para as práticas sociais, pois aquilo que não faz diferença para a prática social não deve fazer diferença nas considerações de certos tópicos.<sup>17</sup> Em resumo, conforme a confissão de fé foi perdendo o seu caráter como política cultural, assim também ela perdeu seu lugar e função em questões relacionadas às práticas sociais. Como resultado, confessar a fé se tornou uma opção em meio a várias outras disponíveis para os seres humanos encontrarem o propósito e entendimento para a vida deles. Tal é o caráter de uma era em que o niilismo se tornou um estado “normal”.<sup>18</sup>

O desfecho dessa observação a respeito da nossa situação atual é que o ato de confessar a fé precisa se tornar uma vez mais uma questão de política cultural. Para tal objetivo, ambos, Nietzsche e Rorty, ajudam os cristãos a entender o ambiente ocidental atual, bem como o tipo de abordagem necessária para confessar hoje a fé confiada à igreja cristã desde os tempos de Cristo e dos apóstolos. Especificamente, estes dois pensadores oferecem grande contribuição para nós recuperarmos uma confissão de fé que é relevante para todas as pessoas, isto é, uma fé que é relevante para as práticas de toda a sociedade. Em resumo, eles nos apresentam o contexto em que nós

---

17 Esta é a minha tentativa de parafrasear a reflexão oferecida por Rorty no prefácio da sua obra *Philosophy as Cultural Politics* (RORTY, 2007, p.ix).

18 “Niilismo em um estado normal é apenas a triste forma intelectual do Ocidente de reconhecimento e tolerância da sua própria contingência histórica e conceitual. Ser um niilista em um estado normal é simplesmente reconhecer que, não importa quão fervoroso e essencial for o comprometimento de alguém a um conjunto de valores específico, isso é *tudo* o que alguém poderá ter: um compromisso a algum conjunto de valores específicos” (Edwards, 1997, p.47 – tradução nossa).

somos chamados a confessar como um ato público, fazendo dessa confissão *nossa*, e demonstrando como tal confissão transforma *todas as coisas*.<sup>19</sup> Assim como foi para Jesus, para os apóstolos e para os reformadores, assim também agora os cristãos têm o desafio de apresentar o seu ensinamento e confessar a fé diante do mundo contemporâneo através de meios e normas dessa sociedade após a morte de Deus.

Isso não quer dizer que os cristãos precisam de uma nova confissão de fé, ou que é necessário mudar o conteúdo da fé confessada. Usando a distinção oferecida por Merold Westphal, o que é necessário é uma reconsideração de *como* confessar ao invés de *o que* está sendo confessado (WESTPHAL, 1997, p.220). Westphal observa que, em uma sociedade após a morte de Deus, é uma ilusão pensar que o uso dos mesmos termos usados por nossos pais da Reforma serão suficientes para transmitir o conteúdo da nossa fé.<sup>20</sup> Retornando à análise de Nietzsche, a observação que Deus está morto reconhece a mudança cultural na qual o cristianismo já não controla as questões relacionadas à moralidade e ao propósito de vida no Oeste. Diferentemente da Idade Média, as sociedades ocidentais já não são constituídas de uma supremacia de cidadãos cristãos, e mesmo em contextos em que essa é a realidade, a confissão e o ensinamento da igreja cristã não são mais conhecidos por todas as pessoas como era no século XVI. Consequentemente, confessar a fé como uma questão de política cultural exige dos cristãos que expliquem não apenas *o que* entendem como fé, mas também *porquê* eles confessam tal fé no contexto em que estão vivendo. Em resumo, confessar a fé precisa assumir o formato e o procedimento das nossas circunstâncias atuais, as quais são identificadas e oferecidas por análises socioculturais, tais como vistas em pensadores como Nietzsche e Rorty. Fazendo isso, a confissão de fé feita hoje pelos cristãos seguirá o exemplo seguido pelos reformadores, os quais seguiram os formatos e procedimentos legais da época da Reforma (KOLB e WENGERT, 2000, p.34).

A questão que temos diante de nós é, dessa forma, *como* confessar a fé cristã após a morte de Deus. O restante desse artigo considerará uma

---

19 Veja p.13. Para mais, veja Charry, 1997.

20 Westphal escreve, “Isso significa que nós devemos parar de falar de Deus como criador? Se eu estou certo sobre *o que* e *o como*, não. O que nós devemos parar é de pressupor que quando nós falamos de Deus como criador nós já teremos explicado *todas as coisas*” (Westphal, 1997, p.220 – tradução nossa).

possível forma de responder a essa questão. Uma vez que eu acredito que a forma que confessamos é inseparável do que devemos confessar, essa resposta exigirá uma clara consideração do conteúdo da nossa confissão. Eu proponho considerar o que os príncipes e teólogos evangélicos confessaram em Augsburg em 1530, e como os cristãos devem confessar a mesma fé em um contexto sociopolítico após a morte de Deus. Com o fim de tornar esta tarefa possível, eu focarei no Artigo III da Confissão de Augsburg, “Do Filho de Deus”. Especificamente, como cristãos confessam Cristo após a morte de Deus?

### **ARTIGO III DA CONFISSÃO DE AUGSBURGO**

Ensina-se, além disso, que Deus Filho se fez homem, nascido da pura Virgem Maria, e que as duas naturezas, a divina e a humana, inseparavelmente unidas em uma única pessoa, são um só Cristo, que é verdadeiro Deus e verdadeiro homem, que verdadeiramente nasceu, padeceu, foi crucificado, morreu e foi sepultado, a fim de ser oblação não só pelo pecado hereditário, mas, ainda, por todos os outros pecados, e para aplacar a ira de Deus. Ensina-se, outrossim, que o mesmo Cristo desceu ao inferno, no terceiro dia ressurgiu verdadeiramente dos mortos, subiu ao céu e está sentado à destra de Deus, para dominar eternamente sobre todas as criaturas e governá-las, a fim de santificar e purificar, fortalecer e consolar, pelo Espírito Santo, a quantos nele crêem, dar-lhes também vida e toda sorte de dons e bens, e proteger e defendê-los contra o diabo e o pecado. Também se ensina que o mesmo Cristo Senhor, conforme o *Symbolum Apostolorum*, virá visivelmente, para julgar os vivos e os mortos, etc. (Livro de Concórdia, 2006, p.30).

De uma forma geral, o tema da Confissão de Augsburg é “O justo viverá pela fé”. Embora o centro da controvérsia observada na Reforma seja comumente reconhecido como o Artigo sobre “Justificação pela Fé” (Artigo IV), a confissão apresentada na Dieta de Augsburg tem este tema em relação ao documento como um todo. O motivo para tal afirmação é que este tema apresenta o fundamento para o entendimento tanto a respeito de Deus quanto das criaturas humanas. Em outras palavras, confessar que o justo vive somente pela fé aponta não somente para quem os seres

humanos são, mas também para quem Deus é. Isso é observado de forma clara e concreta pelos teólogos Robert Kolb e Charles Arand, os quais afirmam que uma das questões centrais da Reforma girava em torno de um problema antropológico, isto é, o que significa ser um ser humano (KOLB e ARAND, 2008, p.22).

Para os reformadores, e conseqüentemente para a Confissão de Augsburgo, ser um ser humano significa ser uma criatura. Dessa forma, essa questão tinha outro lado que é intrinsecamente conectado com a identidade humana como criatura – a saber, a identidade do Criador. Em outras palavras, a definição usada para caracterizar o que significa ser um ser humano é inseparável da questão do relacionamento entre o Criador e as suas criaturas (KOLB e ARAND, 2008, p.24). Ao confessar que “o justo viverá pela fé”, os confessores estavam anunciando publicamente que eles mantinham a fé dos apóstolos e dos pais da igreja, tal como St. Atanásio e os Pais Capadóciós, isto é, que as criaturas humanas são completamente e totalmente passivas diante de Deus. A salvação é realizada apenas pelas obras feitas pelo próprio Deus. Como criaturas, os seres humanos podem apenas viver pela ação graciosa e misericordiosa do seu Criador.

Esse princípio está no centro do Artigo III da Confissão de Augsburgo. Ao confessar que Jesus Cristo é o Filho de Deus, os confessores o reconheceram publicamente como o único Mediador da ação de Deus em relação a nós seres humanos. Ele é o caminho, a verdade e a vida, e ninguém pode vir ao Pai a não ser por meio dele (Jo 14). Assim, confessar Cristo no contexto da Confissão de Augsburgo caracteriza quem Deus é em relação a suas criaturas. Somente por meio dele que os pecados são perdoados. Somente por meio dele que criaturas podem ser reconciliadas com Deus Pai. Porque ele ressuscitou no terceiro dia, ele reina sobre todas as criaturas e santifica, purifica, fortalece, e conforta todos aqueles que acreditam nele através do Espírito Santo. Jesus Cristo, o Filho de Deus, dá vida e protege todos aqueles que pertencem a ele, e é ele quem virá no último dia para julgar os vivos e os mortos, estabelecendo completamente o seu reino eterno em uma nova criação. Em resumo, embora podemos reconhecer que tal Artigo reflete a catolicidade dos Concílios e Credos da igreja cristã, ele, todavia, reflete o tema abrangente da Confissão de Augsburgo. Diante desse Cristo e Senhor, o qual faz tudo por todos, não há nada que nós possamos adicionar ou reivindicar como mérito. Em poucas palavras, se Cristo é o Mediador, então não

há lugar para as nossas obras, méritos, ou satisfações diante de Deus (KOLB e WENGERT, 2000, p.38).

Porque Jesus Cristo é o único Mediador, Deus Pai coloca o nome dele acima de todos os nomes. Por meio da sua vida, morte, e ressurreição, Cristo é o Senhor dos céus e da terra. Isso molda toda a confissão de fé construída pelos confessores evangélicos do século XVI. Sendo o Filho de Deus que desceu do céu e se tornou um de nós para a nossa salvação, Jesus Cristo molda não somente o entendimento de como criaturas recebem perdão e se tornam justas diante de Deus (CA IV) mas também como tal evangelho é proclamado e entregue a crentes na igreja (CA V-XV). De fato, confessar Cristo molda tudo em relação a *todas as coisas*, pois tal confissão provê um novo entendimento do relacionamento de Deus com tudo o que existe na criação (CA XVI), bem como a esperança final de redenção para a criação em consequência do retorno do Filho de Deus (CA XVII). Confessar Cristo transforma tudo e afeta todas as coisas.

No entanto, algo aconteceu no meio do caminho desde aquele sábado em Augsburg. Conforme observado anteriormente, essa visão de confissão mudou drasticamente nos séculos que vieram após a confissão pública dos reformadores em 1530. Apesar de sua catolicidade, a confissão dos reformadores foi rejeitada pelo imperador Carlos V e pelos teólogos da igreja Católica Romana. Assim, a Reforma marcou o momento em que a igreja cristã já não mantinha uma confissão uníssona a respeito de Cristo e todas as coisas,<sup>21</sup> e a busca por certeza do ponto de vista racional forçou a confissão de fé a se tornar uma questão de opinião privada. Como resultado, a confissão de fé em Cristo como o Mediador entre o Pai e todas as criaturas foi reduzida a uma função secundária ao invés de ocupar o centro da percepção humana a respeito do mundo e de Deus.

---

21 Isso não quer dizer que não havia diferentes vertentes teológicas antes da Reforma, mas, sim, que a partir da Reforma a confissão pública da igreja – conforme observada neste trabalho – já não seria uma só confissão de fé. Até a Reforma, os credos oficializados pelos Concílios definiram as normas de fé da igreja cristã, condenando os ensinamentos contrários ao que era ensinado pela Igreja Católica. Porém, a partir da Reforma, a igreja do Oeste passa a ter duas confissões “oficiais” que pertencem a dois grupos cristãos distintos. Ou seja, embora o Concílio de Trento tenha condenado a confissão de fé luterana, a mesma permanece como uma das confissões cristãs em vários territórios cristãos como fórmula oficial de fé. A culminação de tal controvérsia foi o famoso decreto do imperador Carlos V, a *Paz de Augsburg* (1555), por meio do qual cada príncipe poderia escolher a confissão do seu território, marcando o momento em que duas confissões distintas passaram a coexistir no Oeste. Veja Hägglund, 2007, e Kelly, 1972.

Uma forma de considerar as consequências desta mudança em confessar Cristo como Senhor é a atual postura no Oeste tanto das sociedades como também da própria igreja cristã em relação ao Filho de Deus. Por um lado, as sociedades ocidentais são caracterizadas pelas mudanças culturais referentes à morte de Deus, isto é, de acordo com a análise sociocultural feita por Nietzsche, vista acima. Especificamente, a confissão de fé mantida pela igreja durante os tempos da Reforma já não dá propósito para o mundo contemporâneo ou dita as regras e caminhos seguidos pelas sociedades do mundo hoje. Atualmente, confessar a fé em Cristo tem pouca ou nenhuma conexão com as práticas sociais. Diferentemente do século XVI, hoje tanto governantes como governados realizam as suas vocações e vivem suas vidas em grande maioria sem consideração alguma pela confissão cristã a respeito do Filho de Deus. Basta observar o contexto político brasileiro atual e veremos um exemplo de como cristãos ignoram a sua confissão de fé ao assumir uma postura política. Tudo se tornou motivo de disputa, e nada mais é considerado certo ou definitivo. Como resultado, a confissão de um Deus que criou o universo e redimiu todo esse universo por meio do seu Filho se tornou apenas uma opção entre muitas outras opções no shopping center de valores onde o niilismo se tornou um estado normal da nossa era atual (EDWARDS, 1997, p.49). Resumidamente, confessar Cristo se tornou *uma* forma de entender a vida e o mundo, ao invés de ser *a* forma de entendê-los.

A postura da igreja em relação a Cristo demonstra, por outro lado, que confessar Cristo como o Filho de Deus tem perdido sua relevância não apenas na sociedade, mas também em meio àqueles que se chamam de cristãos. Isso porque as mudanças culturais que ocorreram no Oeste – chamadas por Nietzsche como a morte de Deus – influenciaram também a igreja cristã, e muitos cristãos no ocidente mantêm apenas uma caricatura distorcida de quem é Jesus Cristo. Isso é observado por estudiosos como o sociólogo americano Robert Wuthnow, o qual escreveu que, na situação atual, “Deus deixa de ser o ser supremo que é superior aos seres humanos em todos os aspectos. Ao invés de ser a divindade inescrutável da Reforma”, Wuthnow continua, “Deus agora é um camarada” (WUTHNOW, 1994, p.239 – tradução nossa). Em outras palavras, Deus se tornou um amigo ou alguém que está sempre lá para você a fim de ajudar você a enfrentar os seus problemas. Deus se tornou um deus domesticado, refeito à nossa própria imagem moderna ao invés do contrário.

Consequentemente, visto que “Deus” já não é mais de fato Deus em nossa atual sociedade, “Cristo” também já não é mais verdadeiramente Cristo (OKAMOTO, 2014, p.5). Isso porque Jesus Cristo já não é mais visto como Senhor sobre tudo o que existe, aquele que retornará em glória para julgar e restaurar todas as coisas. Ao invés disso, agora ele é um melhor amigo em uma versão mais carinhosa e amigável. Francamente, a atual compreensão de Jesus Cristo demonstra que após o Filho de Deus se tornar um de nós para a nossa salvação (Credo Niceno), nós o tornamos igual a nós em todos os aspectos modernos, onde esse “Cristo” passa a aceitar qualquer coisa que nós queremos ou desejamos.

A versão moderna de Cristo apresenta muitos problemas quando nós consideramos a confissão de fé como uma questão de política cultural. Primeiramente, nós não deveríamos pressupor que *todas as pessoas* conhecem a Cristo porque isso é um equívoco e uma ilusão. Embora todas as pessoas nas sociedades ocidentais podem até estar familiarizadas com o nome de Jesus como o “Deus” ou o objeto de fé dos cristãos, isso não significa que elas saibam quem Jesus se revelou ser em sua vida, ministério, morte e ressurreição. De fato, cristãos no Oeste comumente veem Jesus como um amigo íntimo que eles podem contar para qualquer momento em que eles se sintam chateados ou precisando de apoio, ao invés de confessá-lo como o Filho de Deus e Rei sobre todo o universo. O problema é que ver “Jesus como um camarada” ao invés de Senhor, torna a confissão de fé nele irrelevante. Afinal, se ele é meramente um camarada, então não há tanta diferença em confessar ou não Cristo.

Considerando isso em termos de política cultural, se a nossa fé em Cristo é reduzida a uma visão dele como um melhor amigo, talvez nós precisemos reconsiderar se deveríamos ou não confessar a nossa fé nele. Se confessar a fé no Filho de Deus é apenas uma questão de religião privada – isto é, uma questão do que é benéfico para mim como indivíduo –, então talvez nós deveríamos seguir a sugestão dada por Rorty e encontrar algo mais útil para confessar (RORTY, 2007, p.26).

No entanto, esse não é o caso. Confessar Cristo não é e não deveria ser considerado irrelevante. Jesus Cristo é o Filho de Deus, o único Mediador entre o Pai e as suas criaturas, o nome acima de todo nome, o Senhor de todo o universo. Tal confissão teve implicações na sociedade do século XVI e continua tendo em nosso mundo contemporâneo. Por quê? Porque confessar que Jesus é Senhor transforma todas as coisas.

Isso não deveria nos levar a uma abordagem romantizada do ato de confessar. Reconhecer que confessar Cristo é relevante não faz essa confissão ser relevante em uma sociedade caracterizada pela morte de Deus. É necessário fazer mais do que isso. Como mencionei anteriormente, nós não podemos considerar a nossa confissão em Cristo de uma maneira leviana. Pelo contrário, nós precisamos encontrar formas de confessar Cristo como Senhor para o nosso mundo contemporâneo. A questão é, *como* fazer isso?

Eu tenho sugerido nesse artigo que confessar Cristo após a morte de Deus precisa assumir o formato de política cultural.<sup>22</sup> A razão para isso é dupla. Em primeiro lugar, esta é a forma que a confissão de fé tem sido feita desde os tempos de Jesus e dos apóstolos e pelos confessores da Reforma. Assim, confessar a fé como política cultural é seguir o modelo apresentado pelos cristãos através dos séculos, afirmando que Jesus Cristo é o Senhor de todo o universo.

Em segundo lugar, as circunstâncias que a igreja cristã encara hoje exigem que a confissão de fé seja feita dessa forma. Uma das principais contribuições dadas por Rorty em seu desenvolvimento de política cultural é a sua observação de que a sociedade moderna considera tudo através das lentes da política cultural. De fato, eu acredito que isso nunca deixou de ser verdade, mas somente que os cristãos pararam de usar essa perspectiva após o início da modernidade. Política cultural é a única forma pela qual cristãos confessam a sua fé. E recuperar tal postura é a forma pela qual cristãos podem tornar a confissão de fé em Cristo relevante e fiel para o mundo contemporâneo.

Restaurar a postura de política cultural como a forma de confessar Cristo após a morte de Deus pode nos levar a muitas e variadas abordagens de tal confissão de fé contemporânea. Eu quero considerar apenas algumas até o final desse artigo. Uma abordagem que cristãos deveriam adotar é considerar a confissão de fé em Cristo em relação ao lugar que essa confissão ocupa no relato bíblico de Deus e sua criação. Sem pressupor nada, cristãos devem confessar Cristo enfatizando como o Filho de Deus foi eleito por Deus Pai como Senhor dos céus e da terra. O teólogo luterano Joel Okamoto ofereceu uma contribuição significativa nesse aspecto da confissão de fé ao conectá-la à história de tudo – a saber, à história de Deus e à sua criação

---

22 Veja nota de rodapé 5.

(OKAMOTO, 2019, p.55-66). De acordo com a reflexão oferecida por Okamoto, Jesus Cristo é o centro dessa história. Isso porque, ao ver a sua criação ser corrompida pelo pecado cometido por suas criaturas, Deus não abandonou a sua criação. Pelo contrário, ele decidiu redimir essa criação por meio do seu Filho.

[Deus] não estava disposto a deixar que o pecado, a morte, e o diabo arruinasse a sua obra. Ele planejou e prometeu redimir esta criação, renovando todas as coisas. E Deus enviou o seu Filho para anunciar e para realizar esta obra. Deus o enviou para retomar o seu mundo de volta. De acordo com isso, Jesus anunciou: “O tempo chegou. O reino de Deus está próximo. Arrependam-se e creiam nas boas novas” (Marcos 1.15). Dessa forma, Jesus inaugurou o reino de Deus dando visão aos cegos e audição aos surdos, purificando leprosos e exorcizando demônios, levantando os coxos e ressuscitando os mortos (Mt 11.5). Claro, essas palavras e ações foram o motivo pelo qual Jesus foi rejeitado e crucificado. Mas Jesus é realmente o Filho de Deus. Deus realmente enviou Jesus para governar sobre todas as coisas. E por isso Deus o ressuscitou do meio dos mortos. E um dia “ele virá novamente em glória, para julgar tanto os que estão vivos quanto os que estão mortos, cujo reino não terá fim”. Enquanto isso não chega, as boas novas que Jesus é Senhor, e as promessas feitas em nome dele, continuam a ser proclamadas, a fim de que muitos se arrependam, creiam, e vivam na esperança da “ressurreição dos mortos e da vida do mundo vindouro” (Okamoto, 2019, p.8 – tradução nossa).

Essencialmente, esse relato de Cristo dentro do relato geral de todas as coisas, guia os cristãos de volta a quem Jesus Cristo é, e por que nós o confessamos como Senhor. Esse relato não pressupõe que o ouvinte tenha um conhecimento comum sobre a história, mas relata quem o Filho de Deus é e o que ele fez para redimir o mundo e tudo o que o Pai criou nesse mundo. Note que uma característica central desse relato é que ele não pressupõe que alguém já conhece essa história. Em outras palavras, embora reconheçamos que esse relato de Cristo em relação à história de Deus e da sua criação possa refletir os Credos e Confissões da igreja cristã, todavia ele também confessa Cristo de uma forma entendível, que até mesmo não cristãos conseguiriam entender a lógica da confissão da sua obra de salvação. O objetivo dessa

postura de confissão não é confessar de uma forma que alguém irá concordar comigo (postura comumente assumida durante a Era Moderna), mas, sim, que alguém que esteja ouvindo a minha confissão de fé seja levado a dizer, “ah, sim, agora eu entendo o porquê que ele confessa isso”. Isso não quer dizer que não há espaço para apologética em nossa teologia, uma vez que também queremos fazer tudo para com todos a fim de que alguns sejam salvos (1Co 9.22). No entanto, a ênfase principal em confessar a fé cristã em uma sociedade após a morte de Deus requer que a nossa confissão seja feita não apenas para fins de provar que estamos certos sobre algo, mas para esclarecer a razão pela qual confessamos tal fé. Em resumo, dar um relato da nossa confissão de fé em Cristo em relação à história de tudo (Deus e sua criação) ajuda tanto cristãos e não cristãos a entenderem de novo o significado e o propósito de confessar o Filho de Deus como Senhor de todo o universo.

Outra abordagem que cristãos deveriam adotar em sua confissão de fé em Cristo em termos de política cultural é o “princípio salutário”, oferecido por Ellen T. Charry. Conforme Charry, esse princípio ajuda os cristãos a recuperar a incumbência da teologia encontrada em tempos pré-modernos, os quais estavam preocupados não apenas com afirmações sobre doutrina verdadeira e pura, mas também em como “o ser, a obra, ou o ensinamento de Deus pode promover a excelência de vida” (CHARRY, 1997, p.19 – tradução nossa). Em outras palavras, confessar a fé nunca foi uma questão meramente intelectual ou uma busca por uma verdade definitiva, mas também demonstrar que confessar Jesus Cristo como Senhor significa realmente boas notícias para aqueles que confessam essa fé, oferecendo uma nova vida em um relacionamento com esse Deus que criou e redimiu toda a criação por meio do seu Filho. Note que essa confissão não apresenta apenas informação sobre Deus, mas verdadeiramente apresenta uma verdade que transforma a nossa realidade. Aqueles que estavam perdidos em trevas agora veem o amanhecer de uma nova criação. De fato, criaturas que estavam perdidas em seus pecados agora são restauradas diante do Pai como novas criaturas. Em resumo, confessar a fé em Cristo verdadeiramente transforma todas as coisas.

Isso precisa levar cristãos a um tipo diferente de vida, a qual é moldada por tal confissão de fé em Cristo. Isso porque reconhecer que a sabedoria de Deus é boa para aqueles que acreditam nele ainda pode permanecer uma questão de opinião pessoal, e tal privatização não tem espaço em uma sociedade caracterizada pela morte de Deus. Confessar a fé em Cristo precisa

guiar os cristãos a uma vida que reflita o que Deus fez por eles e que considere a nova realidade em que já vivem, tornando-se novamente uma norma para a vida dos que a confessam (CHARRY, 1997, p.239). Ao passo que Cristo transforma o nosso relacionamento com o Pai, ele também transforma o nosso relacionamento com a criação como um todo, o que consequentemente nos dá uma nova percepção do nosso conceito de mundo e sociedade. Como Charry escreve, “estar em Cristo pode permanecer teórico a não ser que alguém encontre Cristo no cuidado das crianças, dos idosos, dos pobres, e daqueles que estão na prisão” (CHARRY, 1997, p.241).

Construir a vida cristã ao redor de práticas de oração, estudo, e serviço sugere que uma divisão entre santidade pessoal e justiça social é falsa e enganosa. A vida de oração e estudo se tornarão vazias a menos que sejam iluminadas por serviço ao próximo. E em serviço às crianças, aos idosos, aos pobres, aos fracos, aos doentes, e aos presos, alguém louva e glorifica a Deus, e vem a conhecer o Senhor, e talvez até tocar nas feridas dele, a fim de que a dúvida seja acalmada (CHARRY, 1997, p.241-242 – tradução nossa).

O ponto feito por Charry é que a fé cristã envolve práticas tanto de confissão quanto de devoção. Assim, confessar Cristo e dizer que ele transforma todas as coisas enquanto nada é transformado em minha própria vida, torna a minha confissão completamente irrelevante. Admitindo que a veracidade de Cristo como Senhor não depende do meu estilo de vida ou ações pessoais, tornar a confissão de fé *minha* e torná-la relevante para um mundo contemporâneo moldado pela morte de Deus está intrinsecamente conectada ao molde e à forma que essa confissão é apresentada em minha vida na sociedade. Em outras palavras, confessar a fé em Cristo não é apenas algo ensinado, mas também algo percebido por outros (Okamoto, 2015, p.45). Isso exige uma confissão de fé em termos de política cultural.

## **CONSIDERAÇÕES**

Portanto, confessar a fé em Cristo após a morte de Deus deve ser feita na forma de política cultural. Isso porque essa forma nos permite continuar confessando como cristãos têm confessado desde o início da igreja cristã, e,

ao mesmo tempo, porque esse formato usa termos que são simultaneamente relevantes e compreensíveis para a nossa sociedade atual. Tal confissão fará o que ela diz – isto é, ela moldará todas as coisas. Ela moldará o modo que nós contamos a história de Cristo em relação à história de Deus e sua criação, enfatizando assim o porquê Deus o elegeu como Senhor de todas as coisas. Além disso, essa confissão moldará a vida nesse mundo e nessa sociedade atual, levando cristãos a fazerem dessa confissão a *sua* confissão por meio de oração, estudo e serviço aos que estão em necessidade. Em outras palavras, confessar a fé em Cristo moldará os cristãos à imagem do próprio Senhor Jesus Cristo, guiando aqueles que o confessam a servir a outros em amor, da mesma forma que o próprio Jesus Cristo fez em sua vida e ministério. Tal confissão de fé não é irrelevante. Não pelo fato de que temos os melhores argumentos ou porque os nossos argumentos estão corretos, nem mesmo porque tais argumentos refletem a “doutrina pura”. No entanto, essa confissão não é irrelevante porque ela é pública e perceptível a todas as pessoas por meio da história que contamos e da vida que vivemos.

Tudo que eu sugiro neste artigo é essencialmente uma reflexão da confissão de fé confessada através dos séculos pelos cristãos de todos os tempos. Especificamente, confessar a fé em termos de política cultural é simplesmente tornar compreensível a confissão feita em Augsburg há quase quinhentos anos pelos reformadores. Confessar Cristo como o Filho de Deus que foi eleito pelo Pai como Senhor sobre toda a criação por causa da sua vida, ministério, morte e ressurreição, transforma todas as coisas. Essa confissão transformou todas as coisas nos tempos de Cristo e dos apóstolos. Ela certamente transformou todas as coisas durante a Reforma no século XVI. E, da mesma forma, essa confissão transforma todas as coisas hoje – principalmente na vida de cada cristão que confessa essa fé – e ela continuará transformando todas as coisas por toda a eternidade.

Como nosso único Mediador diante do Pai, Jesus Cristo molda a forma pela qual nós somos feitos justos diante de Deus (Artigo IV), nossa proclamação da Palavra de Deus (Artigo V), nossa nova vida de obediência como criaturas redimidas (Artigo VI), bem como a forma que nós somos igreja e a forma que somos criaturas em meio à criação de Deus. Resumidamente, confessar Cristo como política cultural é a forma pela qual nós fazemos a confissão de fé em Cristo *nossa* e a proclamamos para o mundo no qual vivemos hoje.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLEN, Diogenes; SPRINGSTED, Eric O. *Philosophy for Understanding Theology*. 2.ed. Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 2007. Kindle.

BIERMANN, Joel. *Wholly Citizens: God's Two Realms and Christian Engagement with the World*. Minneapolis, MN: Fortress Press, 2017.

CHARRY, Ellen T. *By the Renewing of Your Minds: The Pastoral Function of Christian Doctrine*. New York, NY: Oxford University Press, 1997.

EDWARDS, James C. *The Plain Sense of Things: The Fate of Religion in an Age of Normal Nihilism*. University Park, PA: The Pennsylvania State University Press, 1997.

KELLY, J. N. D. *Early Christian Creeds*. Londres, UK: Longman, 1972.

KINNAMAN, David. *You Lost Me: Why Young Christians Are Leaving Church... And Rethinking Faith*. Grand Rapids: Baker, 2011. Kindle.

KOLB, Robert; ARAND, Charles. *The Genius of Luther's Theology: The Wittenberg Way of Thinking for the Contemporary Church*. Grand Rapids, MI: Baker Press, 2008. Kindle.

KOLB, Robert; WENGERT, Timothy J. (Eds.). Tradução de Charles Arand. *The Book of Concord: The Confessions of the Evangelical Lutheran Church*. Minneapolis, MN: Fortress Press, 2000.

LÖWITH, Karl. *Meaning in History*. Chicago: University of Chicago Press, 1949. Kindle.

NEIMAN, Susan. *Evil in Modern Thought: An Alternative History of Philosophy*. Princeton: Princeton University Press, 2002. Kindle.

OKAMOTO, Joel P. Making Sense of Confessionalism Today. *Concordia Journal*, n.41, p.34-48, 2015.

OKAMOTO, Joel P. The Madman's Time Has Come: Theology after the Death of God. Palestra inaugural da posição como "Waldemar and Mary Griesbach", professor in Teologia Sistemática. Concordia Seminary, St. Louis, October 9, 2014.

OKAMOTO, Joel P. The Word of the Cross and the Story of Everything. *Concordia Journal*, n.45, p.51-66, 2019.

RORTY, Richard. *Philosophy as Cultural Politics: Philosophical Papers*, Vol. 4. New York, NY: Cambridge University Press, 2007.

LIVRO DE CONCÓRDIA. As Confissões da Igreja Evangélica Luterana. Tradução de Arnaldo Schüler. 6.ed. São Leopoldo: Sinodal; Canoas: Editora da Ulbra; Porto Alegre: Concórdia, 2006.

WESTPHAL, Merold. Nietzsche as a Theological Resource. *Modern Theology*, n.13, p.213-226, apr. 1997.

WUTHNOW, Robert. *Sharing the Journey: Support Groups and America's New Quest for Community*. New York, NY: The Free Press, 1994.

